



O SENHOR DAS DÚVIDAS

Samael

(2018)



s187

Samael

O senhor das dúvidas / Samael – São Paulo:

Córrego, 2018. Série Polifemo.

24 p.; 14 × 21 cm

ISBN 978-85-7039-014-1

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Samael. II. Título.

CDD 869.91

capa Lilli Ferreira e Gabriel Kolyniak

Editora Córrego
Rua Araújo, 355 31
República São Paulo SP
01220-020
editoracorrego.com.br

CONHECER SAMAEL

Seraphim Pietroforte

Conheci Josuel de Lucena Filho quando Marília, grande amiga – musa de vários poemas meus –, me disse: “se você gosta de poesia mística, quase religiosa, vai adorar ler os textos desse mocinho”. Respondi para ela que gostava de ler William Blake; há uma dimensão do desconhecido que as religiões, quando lidas poeticamente, expressam muito bem. Josuel assina Samael, o nome de Lúcifer antes da queda; Samael tem idade para ser filho meu. Lia dele poemas esparsos – a maioria parece letra de rock, falava de cancos e caveiras –, mas fui pungido pel’*O Senhor das dúvidas* – ressoa no Senhor das Moscas; Samael quis dizer Belzebu, Arimã, Éris –. *O Senhor das dúvidas* tem duas partes: (1) o Livro I é uma cosmogônica, a musa nasce no rio Nilo; (2) o Livro II tem viés transcendental, é a noite dos sentidos diante do Buraq, mais uma musa.

Em sua cosmogonia, Samael fundamenta sua retórica. Logo no primeiro verso do Livro I ele afirma “para justificar os caminhos de Samael para Samael”; esse primeiro poema é uma variação da frase-verso que aparece na capa, desenhada por William Blake, para o poema *Milton*: “To Justify the Ways for God to Men”. Contudo, não se trata apenas de citação pontual, trata-se de sugerir o delírio figurativo, próprio dos discursos religiosos, pelo qual pretende seguir em sua poesia, convocando poetas-profetas e suas mitologias – o poema termina com Los, outra citação do *Milton*, de Blake –.

Ainda no Livro I d’*O Senhor das dúvidas*, divindades de várias religiões, como nos discursos esotéricos da modernidade, são disseminadas. Samael começa na Índia, no templo dos macacos – canto IV –; seu local de batismo é o Nilo, no Egito – canto V –, onde ele se depara com a primeira divindade de sua mitologia pessoal: Alga Glauca, uma referência à poesia zen-concreta de Pedro Xisto.

No canto V do Livro I, é possível verificar o engenho poético de Samael com mais cuidado. Faz algum tempo, eu me deparei com os pro-



cessos de composição da poesia beat, enquanto buscava pelos muitos modos de fazer poesia, isto é, enquanto buscava descrever alguns regimes de composição, capazes de dar conta, aproximadamente, do pluralismo lógico da literatura. Em linhas gerais, os procedimentos de composição *beat* são baseados, como o jazz – uma das influências fundamentais desses poetas –, em fazer poesia por meio de temas e improviso. Lawrence Ferlinghetti, em suas *Mensagens orais*, propõe temas, geralmente em forma de pequenas frases, para serem desenvolvidos livremente, salientando as formas mutantes desses poemas, próximos dos improvisos de jazz; o próprio “Uivo”, de Allen Ginsberg, está baseado na frase “eu vi...” e seus desdobramentos.

Dialogando com essa técnica de composição, Samael busca por variações além de motes frasais e seus desenvolvimentos. No Canto V do Livro I, os nomes de deuses do Egito Antigo – Sobek, Uadjit, Heqet e Taweret – e um demônio – Behemot – terminam soando como poesia sonora, sugerindo que seus deuses não são apenas símbolo abstrato, mas substância sonora; eles estão no mundo por meio da poesia. Tais sons também podem ser onomatopeias, eles expressariam os grunhidos extáticos de Samael nos mantras de seu esoterismo. As estrofes, por sua vez, seguem por este desdobramento: (1) em cada estrofe deve-se acrescentar um verso; (2) o último verso de cada estrofe é uma sequência de quatro palavras, selecionadas em meio a diversos paradigmas, entre eles, o mesmo prefixo, o mesmo campo semântico, etc.

Já o poema VII, ainda no Livro I, tem outra estrutura; nele, Samael intercala estrofes de três versos curtos com uma progressão de palavras ou frases, que aumentam em função das etapas da antiga cantiga folclórica “A velha a fiar”, cujo final é: “estava tudo mundo a lhe fazer mal, e a velha a fiar; a mulher no homem, o homem no boi, o boi na água, a água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar”.

Em meio ao animismo de Samael, sua Musa insinua-se nas letras maiúsculas dos pronomes; sem nome, apenas dêitico, Ela





é insinuação, nem Samael a alcança. Nessa busca, Ela também é a poesia; Samael, imerso em tantos estudos e referências – como todo adolescente, dormindo mais com livros do que com pessoas –, ele não se leva a sério: Blake dialoga com “whisky on the rocks”, “bronha dos poetas”... Baphomet está no mesmo verso com Rodak ... “protejam minhas bolas” é uma frase tirada do *South Park*!

No Livro II, o poeta realiza a viagem noturna. No Islã, em sua viagem noturna, o profeta Mohammed, guiado pelo Buraq – ser, segundo algumas versões, com cabeça de mulher, corpo de cavalo alado ou mula, e cauda de pavão –, passa por sete céus; no Livro II, Samael faz seus poemas inspirado neles. No poema VI, Samael está no sétimo céu, justamente aquele em que o profeta está diante do tronco da Sagrada Árvore de Lótus e no limiar do entendimento humano. Em sua simbologia, Samael é o Abutre, ave de rapina, em ritos hierogâmicos com o Buraq, que pode simbolizar outra epifania d’Ela. Para se haver consigo, Samael, como xamã, transforma-se em Abutre, desencadeando a tensão da ave de rapina e cinzenta com a parte pavão, que existe no Buraq. Buraq ressoa em Abutre; geram-se signos complexos no poema quando o som aproxima, por meio de tudo que pode derivar do par simbólico pavão vs. abutre – o casal alquímico do poema –, o que as aves afastam. Nesse sexo sagrado, no céu de ouro, nada mais adequado que seguir o *Mutus liber* da alquimia e referir-se, em cada estrofe, a um capítulo seu, já que cada um deles corresponde às fases que levam à pedra filosofal. Além disso, para complexificar mais ainda os sincretismos religiosos próprios do esoterismo, Samael se vale da mesma métrica do poema “Noite escura”, de São João da Cruz, citado logo no primeiro verso, outro poema que tematiza a ascensão espiritual e a hierogamia. Transcendência estranha, uma vez que, em sua viagem noturna, Samael, em vez de beber leite, como faz o profeta Mohammed, ele escolhe beber vinho.

De cabeça raspada, para captar melhor as mensagens alienígenas trazidas pelas ondas cósmicas, Samael é um mocinho negro, que tem só vinte e um anos de vida – um para cada arcano maior –; outro nerd da literatura perdido por aí.







O SENHOR DAS DÚVIDAS





LIVRO I

I

para justificar os caminhos de Samael para Samael
para justificar Samael, de Samael para seus caminhos
para justificar Samael dos caminhos para Samael
para justificar os caminhos
para justificar Samael
vinhos para justificar minhas quedas
minas, que preciso explodir para explorar melhor
diamantes, enfeites do meu trono de pária
debutantes são estrelas das minhas fitas de horror
carvão para escrever nas paredes, no teto, nas entrelinhas
carvão e faço no assoalho de terra riscos
verdadeiros hieroglifos, dignos das penas dos escribas
somente uma egípcia entenderia, ao olhar de soslaio
para mim, para Los, para me justificar da fúria

II

musas que inspirai as trovas dos poetas
mudras que inspirai as bronhas dos profetas
luvas que escondem minhas falanges
trufas de avelã – inventarei, em nome do deserto
o sabor do chocolate ao leite de camela –
ouro de muitos quilates
a bomba de todos os kilotons para explodir cidades
derramar sangue, soar os gongos, invocar as moscas
drenar este mangue à procura dos corpos

III

escutai as pragas, os vaticínios eu sinto no meu fígado
admirai as pragas, vou colocá-las em ordem alfabética
combatei as pragas com anestesia
tremei de medo quando risco os traços cruzados
os sinais de errado, com letra vermelha
meus braços cruzados diante das assembleias



IV

estou no templo dos macacos
os monges acenam entra
mas os símios são mais incisivos

– isso é só a sua mente, insiste
são as ideias saltando como nós, os símios
gritando somos primatas, por isso mesmo respeito
fomos os primeiros a levantar, na alvorada da história –

Hanuman, seja sua a presença em minha mente
esteja em todos os lugares
na velocidade da luz e dos macacos
invoco a força dos gorilas, Son Goku,
para remar contra as marés de aço
contra as indicações das bulas
Samael, seu olho brilha porque estou sempre chapado

V

Sobek k k k k k k k

Wadjjjjjiiiiit

Heqet Heqet Heqet

desperto: escuto em silêncio: Alga Glauca emerge do mar
descobre – desvela – desanda – desmonta

desperto: escuto em silêncio: os lagartos labirintodontes
a metafísica no meio da lama, flor de luto
púbis – pernas – hálux – artelhos

desperto: escuto em silêncio: posso ouvir
o flap dos passos, as plantas na superfície plácida
como se fosse o vento e a água, o sino e o senso
luz – fronte – fósforo – lanterna



desperto: escuto em silêncio: estou atento
 fonte, aquela que fende, entre seus papiros
 nas paliçadas, sou Romeu diante da sacada
 Alga, algumas iluminam a noite diante do Mar Negro
 sama – sema – soma – sumo

desperto: escuto em silêncio: agruras... agruras... agruras...
 nenhuma delas deveria me ferir com seus bicos de farpa
 já enfrentei harpias mais beligerantes, algumas muito belas,
 seu elmo de trevas não diz nada, me transformo, posso ser
 carpa, Matsya avatâra, o cetáceo devorador de profetas
 musgo – visgo – vespas – víboras

Wadjjjjjiiiiit
 Wadjjjjjiiiiit
 Wadjjjjjiiiiit

desperto: escuto em silêncio: em breve, me estenderei
 serei intenso no leito de Cleópatra, outra vez Medusa,
 dos milhares de olhos, sou Muitas Vozes, monstro
 permaneço de pé no solar das almas fodidas
 sentido! posso ver daqui todos os signos
 tenho ervas e eras de experiências a me respaldar
 cubro – cobro – quebro – cobra

Taweret

Sobek k k k k k k k

Behemoth Behemoth Behemoth

Sobek k k k k k k k
 Sobek k k k k k k k

desperto: escuto em silêncio: Alga Glauca insiste
 quem és tu, ser em sua seara de sombra? Confessa!
 não sou apenas sombra, ainda sofro a refração da luz
 fui Equus, por pouco não me quedo paralítico
 que gerou Naberius: boca, plexo, minha rola dura
 que gerou minha Rola Aflita, úvula ululante
 que gerou os arcanjos e os androides de Gerião
 tapa – tiro – sopro – whisky on the rocks



desperto: escuto em silêncio: Heqet Heqet Heqet
coral das rãs, séries, desequilíbrio com as estruturas
sobra dos peixes, Mary, última vítima do estripador
soco na cara, porra! – o último dos kamikazes –
chute no saco, fera? – o abominável homem das neves –
o abominável homem das séries, seria Weber?
o abominável homem... seria Blake?
seria admirável, o espanto diante do Melocórdio?
groove – tala – tocata e fuga – clack bum

desperto: escuto em silêncio: enfim, Meretseguer
nuvem de areia, cume / somente nuvem, vale
o caos e o nulo / somente onda, quase
força, a palavra oculta / somente sobre meu cadáver
duro, ducto direto à verve do poeta / fluxo de encontro a Ti
súcubo, sempre descalça / quanto Te vejo
Tua face, Teus cabelos pretos / não precisar tanto de Ti
meus cabelos estão arrepiados / isso não procede
meu membro duro como um tijolo / isso sim, sucede...
a Ti – tanta – tragédia – trouxeste

VI

entre mim e Ela, o Verbo
as descrições de um rio
nem tudo se transformará, nem tudo transita
algo transborda ou não, apenas aposta em algum consenso

entre mim e Ela, o aceno
mal percebo o lenço contra o horizonte
não vejo a parte despida para dar adeus
não posso ler, daqui, os escritos no seu corpo negro

entre mim e Ela, um projeto
dilatam as pupilas, diante dos doutores
diabolicamente me insinuo, já sou macumba
no Egito de Toth e de Hatshepsut

entre mim e Ela, a mesa
em cada ponta da mesa, uma mônada
em cada canto, engenho e hýbris
murmúrio no vale de Ur

entre mim e Ela, Aquiles e a Tartaruga



VII

não sei se foi semente, que veio do espaço
não sei se viva, veio do mar
não sei se sempre

mosca

serena, flana feito nota
sobre a supercorda, incerteza
por onde deve passar

teia de aranha – mosca

por isso laço
voo na nave de Rodak
o criador do teatro

ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

por aquela moça
eu faria tudo, menos
um, zero menos um

bando de margays famintos –
ratos medonhos – teia de aranha – mosca

por essa ponte passo
Orlando atraca-se com Rodomonte
foda-se Orlando, foda-se Rodomonte

chacais, protejam minhas bolas –
bando de margays famintos –
ratos medonhos – teia de aranha – mosca

Samael, sou totem
mirando a eternidade, menhir
valho-me da mente



bengala branca – chacais,
protejam minhas bolas – bando de margays
famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

Prócris, dessa vez não morra,
não se esconda, na moita
Samael deleita-se contigo

tocha,
terceiro olho na frente de Baphomet –
bengala branca – chacais,
protejam minhas bolas – bando de margays
famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

Górgona, fala de pedras
minha boca está cheia de pedras
faço isso para não gaguejar

Matsya,
cercado de água e nada – tocha, terceiro olho
na frente de Baphomet – bengala branca –
chacais, protejam minhas bolas – bando
de margays famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

come letra,
entrar em coma antes de falar
Maya, tenho certeza

as metamorfoses de Ápis:
taça, auspício, hospedaria de Minos – Matsya,
cercado de água e nada – tocha, terceiro olho
na frente de Baphomet – bengala branca – chacais,
protejam minhas bolas – bando de margays
famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

sou piadista
apenas finjo ter medo
para não assustar





o Homem no boi –
 as metamorfoses de Ápis: taça, auspício,
 hospedaria de Minos – Matsya, cercado de água e nada – tocha,
 terceiro olho na frente de Baphomet –
 bengala branca – chacais,
 protejam minhas bolas – bando de margays famintos –
 ratos medonhos – teia de aranha – mosca

Hapi, sou ave de rapina
 estou no terceiro planeta longe do Sol
 não me demoro

Mulher de todos –
 o Homem no boi – as metamorfoses de Ápis:
 taça, auspício, hospedaria de Minos – Matsya,
 cercado de água e nada – tocha, terceiro olho
 na frente de Baphomet – bengala branca –
 chacais, protejam minhas bolas –
 bando de margays famintos –
 ratos medonhos –
 teia de aranha –
 mosca

VIII

Alga Glauca, estenda-se sobre a água
 doce, preparo-me para a hecatombe,
 pode me chamar de Tumba
 Thot, séries no lugar das estruturas,
 isso é que você escuta quando houve
 a Passacaglia de Weber?
 minhas invenções, começo pelo código
 minha disposição: semear levantes;
 enuncio o voo das aves rumo ao sul
 daqui, posso ver onde jogar as bombas...
 gralhas não de celebrar meu nome Tumba
 mochos clamarão pelo meu outro nome,
 aquele, o que nunca descansa, mesmo
 quando dorme ou quando se desespera,
 tábula rasa, nem Hermes compreende
 tudo, só no fundo do Orco, a alma





clama, são centenas de lugares ermos,
milhares de milharais com espantalhos
curvos, balançando sobre as próprias sortes...
pode me chamar de Morto

Alga Glauca, caminhe sobre as areias
descalça, as plantas dos seus pés são únicas,
capazes de transformar a areia em vidro
– mil cacos de vidro sobre os desertos
as dunas brilhantes quando a noite cai,
granizo, confunda-me com gafanhotos,
pode me chamar Locusto –

vidro, pretendo erguer todas as paredes
de vidro, como nas muralhas de Eryx,
pedra sobre pedra, ante as cumeeiras
pedra sobre pedras, nada que lamente
perdas sobre perdas, eu fodo sozinho
perdas sobre pedras, essa é minha nave
– foda-se como me chamam –

IX

número
provenho da matemática do noús
uma cova


cavo
procuro pelos círculos feitos nos milharais
duas velas

velório
meu corpo descansa através dos círios
três viúvas

vínculos
o sobrenatural me assombra
no correr das eras
quatro cantos do caos

gruta
vejo nas paredes cervos e bisontes
estrela de cinco pontas





musgos
murmuro as pragas novamente
pelas seis direções do espaço
pelos sete mares do planeta Marte
reflexo nos oito olhos do gigante
símile de Samael

LIVRO II

I

quando o Buraq surgiu
e me levou para Cuba
ela estava de burca

eu disse – Mula
quero ver tua face de fera
ao som de umas rumbas

Pavão
estende tua cauda múltipla
quero ver sua bunda

ela me disse
– Abutre

II

encolho-me no velho casaco
o sopro é gelo, esses objetos objetivos
metade matéria, metade anti-matéria

o frio é apenas questão de graus
entre tantos outros, posso ser zero,
absoluto através de tudo, todo de preto

pareço de luto, mas é militância
sei de cor um sutra, aquele que reclamo agora,
– hora de dar o fora daqui? –



caminhar ao lado da boca de lobo
seu vapor, logo de manhã, é névoa branca
os fantasmas do lixo sabem subir

rios afluem dali, a inquietação discreta das nascentes
tragédias em cada gota
acúmulos de nuvens no céu lembram do chumbo

a bomba, acabei de acender, trago em minha mente;
seiva vegetal corre no pau de ferro, próprio dos trilhos...
já não me lembro de nada

névoa e detrito, olho da ratazana brilha
no escuro do esgoto, o vermelho diz avante,
meu olho vermelho avança, rumos da revolução sangrenta

sou fuligem, isso me camufla
não passo de sombra, homem na multidão
– Paolo Pinocchio é meu amigo –

pois em setembro posso descansar, no hemisfério sul
os gerânios, suspensos nas janelas, vão chegar ao chão,
escadas quando a tarde cai

minha sombra sobe por ali, se é noite escura,
antes do galo, antes do tempo de cruzar os vales
mesmo com alguma alma, pena para quase nada


projeto para quase nunca, enfim sou máquina
meu cérebro não passa de séries de dados,
já não há acaso, tempo para tudo

mesmo nessa ilha, sob meu casaco
pano para vida inteira, inclusive nas estampas do forro
aquele que ninguém vê

capa de quem anda à noite, na morada dos sóbrios
ninguém imagina, pois tornei-me um ébrio,
bebo sempre antes de sair de casa

antes de sair de Lemúria ou Eldorado,
lamento, não encontrei a morada dos deuses malditos,
nem o ouro das revoluções





a milhas e milhas daqui, o mesmo campo minado,
a poesia blindada dos que proclamam a guerra,
queria que meu corpo fosse tanque de guerra

sou retalho, estou aos pedaços
mas mantenho o verbo, lâmina afiada
boca para blasfemar

sei que são rãs, ouço seus coros
cigarras assomam em voo rasante
esses sons ecoam quando eu fodo

essas palas surgem quando eu falo
“o cão latiu na noite pela rua
seu raciocínio alcançava a Lua”

também medita uma cosmologia
esse cão é o demônio astuto, ele quem diz
o próximo passo é descobrir-se coxo

resolva essa contradição, sou seu enigma
mancar enquanto voa, esquadrilha das poupas
voo do Buraq e do Abutre

III

Buraq e sua burca
Medeia
em cada parte, corte
Lilith
não me abandone
nunca
Joana
arda sobre mim em chamas
como tocha
humana
enfim, irmã Morte



IV

anjo de setenta faces
há setenta línguas
dentro de cada boca

quatro mil e novecentos selos
quatro mil e novecentos ósculos
quatro mil e novecentos pares de olhos
quatro mil e novecentos pares de seios
quatro mil e novecentos montes de cabelos
quatro mil e novecentos mundos possíveis
quatro mil e novecentos barcos, para nunca mais voltar

quatro mil e novecentas centelhas / são insetos
quatro mil e novecentas noivas / todas descalças
quatro mil e novecentas milhas por hora
quatro mil e novecentas orlas marítimas
quatro mil e novecentas obras póstumas
quatro mil e novecentas palas / porque estou chapado
quatro mil e novecentas boquetes

V

não quero ouvir
não quero saber de nada
não há esfinge
no meio do caminho
nenhuma pedra
nem mina de campo
não quero saber da loucura
vinda das montanhas

alguma dúvida?
soma
sopa feita com os cogumelos
sou metade homem,
outra metade, seiva
foco – minha ave avisa –
não quero me ferir agora
logo agora,
que estou diante do logos



ave de rapina
rapidamente fico sobre duas patas
com elegância
me destaco entre os aviadores
os aviões se foram
os mosquitos voadores tombam abatidos
pelas minhas bombas
minhas barbas brancas
meu pacto com os demônios
aquilo que punge
diante das imagens
– ao rés do chão, sou Freud
em busca da Gradiva –
procuro pelos pés de Eco
oculta dentro do Buraq
– trinados para trinta pássaros –
calculo todos os números
diante da matemática

VI

em uma noite escura
a noite do Buraq, por ventura
sem a burca, Buraq
sua boca me chupa
estando minha casa sossegada

este é meu ovo, Abutre,
voa sobre o mar cor de vinho, ave
dentro do ovo, dúvida
sobre você, meu urro
sublunar, forno para meu ouro

filosofia pura
Buraq, cai pela filosofia
corpo – vejo suas pernas;
ânimo – sinto muito;
espírito? – apenas o das drogas





este é o orvalho, Abutre,
muco entre minhas coxas de mula
atraca-se comigo
já não tenho mais burca
posso voar por todas as esferas

Buraq, sua voz...
papel de seda, selo em minha língua,
aceso, esse vulcão
lunático, são brasas
para o Buraq atravessar descalça

sou sua rosa, ave,
seis pétalas... são três pares de asas...
meus pés, duas asas;
mais duas, em meu dorso
de mula; cabelos-asas-da-cuca




eis-me soturno, moça;
terminou a chuva, pássaro gris
pousou na minha sorte,
na seiva vegetal
que te escorria da boca, soçobra

só te resta rezar
então, apenas ora, observa
toma meu Zippo, acende
aquela bomba, vamos
fumar enquanto o tempo passa, pássaro

) o teu Zippo dourado
Buraq, foi presente de algum
turista? (... estou calmo...
entrego, pela décima
vez, o líquido com sutilidade.

são os ciclos das cores
Abutre, nem tudo é sempre escuro,
há tempo para o chumbo,
– tempo do livro mudo –
tempo de fumar a última ponta





nosso laboratório,
abrem-se todas as janelas, nele,
posso enfim ver, Buraq,
como você é, voz,
não há poética que te descreva...

então entende, Abutre,
o corpo há de fazer sentido, enfim
te trouxe aqui inteiro
no meu dorso de muitos
a poesia flui, sempre demente

sempre demente, mora
na cabeça, poema cerebral
floresce, isso sei
de cor – evoco Flora –
é meu o ouro das revoluções

então me fode, Abutre,
lê, relê, observa atentamente
o livro verde, letras
em meus cabelos soltos,
letras nas plantas dos meus pés descalços

planície da delícia
em meu rosto, o Buraq passeia
levemente, sem lua,
nem sol a pino, só
sonho, o sonho lúcido do Abutre

VII

setenta meses de chuva
sou mais uma onda
meu reflexo me mostra
na tela do osciloscópio
entre o vale – o fim de tudo
ou
no pico – aquele que se espalha pelo braço

) estou com sede
escolho aquela que trazia o vinho (



VIII

enfim
epifania de Flora
árvore enorme
entre minha capacidade
e
o cosmo

IX

estou de volta

tudo na rua agora
é signo de si mesmo

nenhuma leitura a mais
na boca de lobo

mal vejo seu vapor difuso
água na nascente do rio

em cima dos muros
a gatinha mia

três cachorros marcham
silenciosamente

em paralelo
isso é o mais próximo do mito



Senhor das Dúvidas
é uma produção da série Polifemo
concebida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte,
Rodrigo Bravo e Matheus Bueno

São Paulo, 2018

